ANO 10.º — Sexta-feira, 29 de Junho de 1917 — (AVENÇA) — Numero 479

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

PATOLOGIA SOCIAL

A decadência da raça portuguêsa, que, numa progressão até agora insustavel, se tem vindo acentuando desde o—na frase rutilante de Junqueiro—*sonho de astros, fúlgida epopeia* da grande época dos descobrimentos, filia-se em múltiplas e complexas causas, mas uma das mais poderosas e entre elas é, sem dúvida, o espirito de relaxamento, de desmazêlo, a propensão preguiçosa de adiar para o dia de ámanhã, o que bem se poderia fazer no de hoje.

Como num velho corpo gasto, enferrujado pelos anos, o movimento do organismo nacional emperra em todas as articulações; problemas do mais alto interesse social ficam indefinidamente á espera de solução; questões da mais transcendente importância para o fomento económico nacional dormem pelos arquivos dos ministérios o sono da morte.

Sabe alguem dizer-nos o que é feito de projectos do mais vital alcance para o país, taes como—citando apenas alguns de entre dezenas—os dos portos artificiaes de Lagos e da Figueira da Foz e o da pesca em Cabo Verde? E o da adaptação do porto de abrigo de Leixões ao tráfico comercial, já da do com em iminência de realisação em 1913? E o do empréstimo de 40:000 contos para o fomento de Angola? E dezenas de outros, pôsto que de menor tômo, importantissimos para a vida nacional?

Todas estas iniciativas, que, umas apenas mirabolantes, outras práticas, pejaram, nos felizes tempos do papel barato, longas colunas de jornaes diários, sossobraram ou emperraram lastimosamente.

Projectos, palavras, papelada e não se passa disto... Nada de realisações... A grande maioria dos portuguêses parece paralisada numa quasi absoluta impotência de passar de palavras a obras, sintomática, quando não de decrepitude cerebral, pelo menos de grave enfraquecimento da vontade.

O mal é geral e avassala todo o país, de norte a sul, das praias atlânticas á fronteira oriental, e sobretudo—o que é de extrema gravidade—as classes dirigentes, na sua grande maioria gente bacharelada, a quem o ensino quasi exclusivamente livresco parece têr sinceramente capacitado de que papelada ou palavras equivalem a obras.

Ou, se não foi o ensino livresco que lhes imbuiu esta extravagante concepção, seria o convencimento de que o mito bíblico de Jehovah criando o mundo unicamente pelo poder da sua divina palavra—*Et dixit Deo: Fiat lux et lux facta est*—representa uma verdade.

Infelizmente, fóra dos domínios fantasiosos das cosmogonias deistas, correm as coisas por fórma um tanto diversa e um pouco mais trabalhosa; palrar não é o mesmo que realizar e palrar de mais é sómente perder tempo.

Em Portugal, porêm, poucos se convenceram ainda destas verdades e é fenomenal o tempo que se desbarata em superfluas perlendas, quando não em tricas e intrigas inuteis e prejudiciais, ou unicamente na indolencia. Isto, junto á falta de perseverança, de espirito de sequencia, explica muitos factos, na aparencia enigmáticos.

O exemplo desmoralisador parte do Parlamento, onde se perdem mezes e mezes em bagatelas, palanfrórios, questiúnculas mesquinhas da politiquice e abusivos *feriados* extraordinários e dali irradia para todas as dependências do Estado, numa pavorosa maré enchente de desmazelo, relaxamento e preguiça, quando não de incompetência, atropêlos e prepotências.

Dêste mórbido funcionamento dos organismos encarregados do desempenho das diversas funções do Estado derivam numerosos males, uns de ordem geral, outros de ordem individual, mas que, agravando o mal estar geral, de individuaes em sociaes se convertem.

O orçamento, que deveria sêr minuciosamente estudado, revisto e discutido, é examinado á ultima hora e de afogadilho.

Projectos de lei da mais alta importância para a economia nacional—citaremos, ao correr da penna e exemplificando, os restritivos da cultura da vinha e da da chicória—ficam dormindo eternamente no remanso das comissões parlamentares.

De medidas que acudam á assustadora e omnimoda crise que o país está atravessando ninguem cuida, ou, se acaso se dispõe a cuidar, logo uma das mil tricas da politiquice indigena lhe vem desviar as atenções para outro campo. O que se tem passado com a questão, duma importancia vital, dos transportes maritimos, dos navios apreendidos aos alemães, é cabalmente demonstrativo...

O que se passa cá por baixo é reflexo fiel do que vae pelas altas esféras... A mesma indiferença, o mesmo comodismo, o mesmo relaxamento, a mesma indolência.

Os mais legítimos interesses são despresados, ou olhados com desdem; as mais justas e legaes pretensões, dependentes de qualquer das inúmeras estações oficiaes espalhadas pelo país, emperram indefinidamente, se a imprescindivel *empenhoca* lhes não vem untar os rodízios...

Na própria nomeação dos funcionários públicos se observam as mais estupefacientes anomalias. Nas que são de livre escolha, o número e o peso dos *empenhos* constituem a primeira condição de preferência, prevalecendo sôbre o mais provado mérito, a mais bem demonstrada competência e as melhores habilitações. Nas que exigem concurso, busca-se, por todas as fórmas, falsear os resultados dêstes e, por vezes, quando as coisas tomam direcções contrárias aos desejos dos *mandões*, chega-se ao apuro de, sob fúteis pretextos, os deixar interrompidos durante semanas, mezes e não sabemos se anos... E os candidatos, que gastaram o seu dinheiro e o seu tempo, que esperem e sofram com paciência os desmazelos, quando não as más vontades...

Para cúmulo e para condigno remate de toda esta curiosa organisação social, a justiça, os tribunaes, que, numa nação civilizada, são a pedra de toque do seu verdadeiro adeantamento, reduzem-se, entre nós, na generalidade, a cavernas, onde, em vez do Direito e da Verdade, prevalecem a mentira, a argúcia e a intriga—a inevitavel intriga nacional, em tudo soberana—onde o inocente receia e treme e o criminoso está á vontade e ri, onde os processos marcham em acelerado, ou dormem o sono do esquecimento, segundo as determinações da *empenhoca*, ou do dinheiro, onde, finalmente, quem dita as sentenças é a mesma omnipotente *empenhoca*, ou o mesmo dinheiro, que já, no *Fausto*, Mefistófeles, na ária célebre, proclama que é o senhor do mundo...

Já no tempo da monarquia tudo isto era assim. E como, proclamada a República, da mesma fórma continúa sendo, temos, logicamente, de concluir que nos encontrâmos em face de profundos, gravíssimos defeitos de raça, em vez de méros defeitos de regimen.

Dr. Eduardo Moura

Pobre amigo!

A morte que ninguem poupa nem escolhe edades; que aniquila o fraco como arrebata o forte; que envolve nas mesmas dobras do seu negro manto o humilde e o opulento, o plebeu e o nobre, o ignorante e o sabio; a morte, consequencia da vida, no dizer do filosofo, é sabido: precipitou-se sobre ele, vibrou-lhe o primeiro golpe, fê-lo baquear, torturou-o depois e, por fim, cortou-lhe a existencia.

Mas quem era Eduardo Moura? Vâmos tentar dize-lo ainda que mal refeitos da comoção causada pelo desaparecimento, para sempre, desse malogrado e prestimoso cidadão.

Eduardo Moura era, pelos seus multiplos predicados, alguem que se impunha á consideração de quantos o conheciam e com ele privavam.

Formado pela Escola Medico-cirurgica do Porto, em 1893, dessa data vem, como naturalmente se infére, o inicio da sua carreira clinica feita com todo o critério, isenção e desinteresse em beneficio dos povos da vasta freguezia de Eixo, para onde fôra residir depois de despachado pela câmara de Aveiro, mediante concurso, medico municipal.

Afectuoso no lar, de honestas intenções e modesto em extremo, estava indicado que ao dr. Moura não faltariam simpatias conquistadas pelo seu labor, umas, pela afabilidade, pela lhaneza, pela candura do trato, outras. E assim sucedeu.

Eixo, terra laboriosa e representada por uma densa população, chora hoje, com manifesto sentimento, a morte daquele que, por tantos anos, foi seu desvelado medico, acudindo indistintamente ao rico como ao pobre e indistintamante, tambem, sacrificando-se por todos. Mas como não havia de suceder assim se Eduardo Moura, filho de outro medico, Francisco Marques de Moura e sobrinho do farmaceutico Francisco Antonio de Moura, teve a guiar-lhe os primeiros passos essas duas grandes almas, irmãs pelo sangue, pelo sentimento, pelo coração? Mas como não havia de ser assim, se, educado fóra de preconceitos, o seu espirito pairava noutras regiões que imprimem caracter e dão ao homem todas as regalias de bem estar perante a sua consciencia e de harmonia com o dever cumprido?

Eduardo Moura republicano desde os bancos da escola, revelando-se como tal e nessa qualidade vivendo, demonstrou apenas que é dando salutares exemplos que as pessoas triunfam, se tornam queridas, estimadas, respeitaveis. E ele triunfou. A' custa dum arduo trabalho, mas triunfou, legando a sua familia um nome limpo e honrado, á sua terra a aureola de extenuantes sacrificios pela humanidade e aos seus amigos, aos seus companheiros de ideial um inegualavel exemplo de lealdade e constancia que para sempre perpetuará a sua memoria querida.

Como dissémos, assistimos aos ultimos momentos do inditoso amigo e acompanhámo-lo á ultima morada, fez ontem oito dias. Deviamos-lhe esse preito de homenagem por quanto o dr. Eduardo Moura pertencia, pela purêsa do seu caracter, e pelo rigor das suas convicções, áquele numero de republicanos que jámais deixaram de estar ao lado do *Democrata*, acompanhando-o em todas as vicissitudes por que tem passado e muitas vezes oferecendo-lhe, nas horas indecisas da sua existencia, o que, felizmente, nunca lhe faltou para cumprir, com aprumo e sem vacilações, o programa traçado quando a Republica era apenas uma aspiração perigosa, cheia de espinhos, cercada de escolhos.

Lá o deixámos, pois, repousando, no vasto cemiterio da sua amada terra—Ilhavo. Que descance em paz. Já que o Destino assim quiz e contra a sua força ainda nada poude ser inventado que a destruisse.

* * *

O funeral do ilustre clinico, imensamente concorrido, efectuou-se no dia **21**, ao caír da tarde. Encorporou-se nele, além dum piquete de bombeiros, que conduziu o féretro numa das suas carrêtas, a maior parte dos seus conterrâneos, grande numero de habitantes de Eixo e alguns aveirenses.

A chave do ataúde foi entregue ao sr. dr. Frederico de Moraes Cerveira, tendo-se organisado apenas um turno, que segurou as borlas do pano que o cobria, composto dos snrs. dr. Machado da Silva, dr. Abilio Marques, dr. Jaime Lima, dr. Amadeu Tavares, Domingos Leite e Francisco Regala.

O brioso oficial de marinha e capitão do porto de Aveiro, sr. Jaime Afreixo, empunhava uma grande corôa de flóres artificiais, em cujas fitas se lia: ***A freguezia de Eixo, ao seu inolvidavel medico, como preito de saudade.***

Após o responso na capela do cemiterio, acompanhado a orquestra, teve logar o enterramento. Então propozeram-se os amigos do dr. Eduardo Moura transportar o seu cadaver até á beira da sepultura, o que fizeram, pegando ás azas do caixão os srs. Diniz Gomes, dr. Abilio Marques, dr. Machado da Silva, Henrique Cardoso, Artur Amador e o director deste jornal.

De aí a pouco a escuridão da campa envolvia-o ao som lugubre dos sinos que dobravam. Nada mais restava. Tudo havia findado. Tudo? Não. Porque a lembrança, a saudade que do dr. Eduardo Moura fica, jámais se apagará, tão vinculada se acha no intimo dos que o pranteiam.

REGISTO CIVIL

Teve logar ontem, na Conservatória desta cidade, o registo de uma filhinha do nosso director, nascida a 31 do mez passado.

A neofita recebeu o nome de Maria Helena Alves Ribeiro, tendo assinado, como padrinhos, o respectivo auto, a snr.ª D. Maria da Conceição Pereira Biais e o nosso querido amigo dr. José Lopes de Oliveira, medico em Oliveira de Azemeis.

Agressões

Com este titulo lê-se no ultimo numero do *Cinco de Outubro*, de Vila Nova de Gaia:

Referem-se os jornaes ás agressões de que teem sido victima vários jornalistas.

Ágora foram: o sr. dr. André Reis, director do *Distrito de Aveiro* e Arnaldo Ribeiro, director do *Democrata*, da mesma cidade.

Em Albergaria, o director de um jornal matou a tiro um individuo que foi agredi-lo dentro do seu proprio estabelecimento.

Não ha duvida. ¡As cousas *encaminham-se bem*! e quem escrever em jornaes, incorrendo nos odios daqueles que não sabem escrever, precisa armar-se para responder condignamente aos... analfabetos.

Infelizmente tem de ser assim. Pois, seja.

Sim, coléga, pois seja...

O CONGRESSO

Depois de vários adiamentos, que absorveram largo espaço de tempo, parece que sempre se chegará a realisar o congresso do partido democratico, anunciado agora para os dias 1, 2 e 3 de julho proximos, na cidade de Lisboa.

Tem sido nestas assembleias que os mais intrepidos e mais puramente republicanos erguem os seus protestos e apontam erros e abusos cometidos, imoralidades praticadas, que não só produzem doloroso reflexo nas instituições, como tambem impressionam desalentadamente o espirito popular, tão desejoso de que os actos de hoje correspondam, em absoluto, ás promessas de ontem e competentes afirmações.

Nem podia deixar de ser assim. Se a disciplina é a base principal de qualquer constituição politica, militar ou social, é preciso, é indispensavel, que ela se manifeste e mantenha, com especialidade entre os que superintendem nessas mesmas constituições.

Apelar para a disciplina partidaria para fins determinados; invocar esse principio para exclusivamente serem legalisados actos que representam o mais completo desmentido a tudo que a lei determina, que a intangibilidade do regimen impõe, não póde ser tolerado!

Assembleia genuinamente tradicional, continuação daquelas que tanto esforço, devoção e sinceridade sempre representaram, a ela cabe o sacratissimo dever de conservar na mesma altura a grandeza da sua acção e o fim da sua missão.

Ufana-se o Partido Democratico de conservar intacto o programa do velho Partido Republicano Português desde os tempos em que para este o seu Ideal era apenas um sonho.

Mas factos posteriores, alguns dos quaes nas colunas deste jornal temos vindo registando, chegam a convencer-nos, chegam a convencer toda a gente, que semilhante afirmativa tem sido milhares de vezes lamentavelmente desmentida.

Assim, dentro desse partido, pelos proprios seus representantes, pelas suas autenticas comissões, já os mais energicos e alterosos protestos se fizeram contra factos pouco abonatorios duma conduta irrepreensivel e que claramente deixam vêr que a sua marcha politica não tem correspondido ás aspirações dos velhos republicanos, ou seja daqueles que sofreram e gemeram pelo triunfo da Democracia.

Basta o ingresso de todos os transfugas, de todos os desavergonhados ambiciosos e arranjistas que assaltaram o regimen, encostados ao democratismo, para não poderem subsistir duvidas ácêrca do que vimos escrevendo.

Acima dos homens—sejam eles quaes forem—tem de ser colocada a Patria, identificada com as instituições que a regem!

Para todos os partidos, para a solidificação da base em que eles devem assentar—a moralidade—não póde haver contemporisações seja com quem fôr, desde que no seio desses partidos, como no democratico, ha razões de sobra para que no seu congresso reivindique o direito exclusivo e indiscutivel de condenar, de exigir, de concordar, de repudiar todos os actos, deliberações, factos com que não concorda, exigindo que a lei se cumpra e a moralidade se estabeleça onde tenha aquela sido ferida e esta menoscabada.

Não se iludam, supondo que o país não sente, não ouve, não comenta!

Todos os casos, mesmo aqueles que a censura não deixa referir, chegam ao dominio publico, graças a tantos e tão faceis processos de comunicação e propaganda.

Não cubram de palavras bombasticas e de afirmações puritanas, os condenáveis processos, negação completa de respeito á Verdade e de homenagem á Lei!

Não basta dizer, apregoar sómente que sômos bons: é preciso provar que o sômos. Com palavras? Não. Com actos.

A ironia de nós mesmos é o fatal começo da baixêsa!

E, desgraçadamente, são tantos os factos a comprova-lo, tantos os desmandos cometidos, que parece cousa resolvida a adopção de este tragico principio: o regimen á força da ironia dos seus proprios homens entra na fatal vereda do abatimento!

Não podemos, hoje, ser despotas, blasonando liberalidades—democratas em palavras e tiranos em acções; honrados em doutrinas e criminosos em factos.

Desse sistema cançou-se a nação. Se tal causa derrubou a monarquia, porque não derrubará a Republica?

Que esta pergunta seja feita no Congresso pela voz soberana da sua assembleia a quantos acumulam e conservam a responsabilidade moral e politica de todo esse sudario com que de ha tempos a esta parte lamentavelmente se está cobrindo a fronte augusta da Republica!

A maior missão do proximo Congresso será a de expurgar do seu seio, do partido democratico, todos os adventicios, todos os intrusos que não contentes com os beneficios conseguidos para si e para os amigos, que se confundem em igual baixêsa, procuram a todo o custo, a todo o transe, organisar a sua politica de engrandecimento pessoal, á custa dos mais ignobeis processos, das mais infames velhacarias.

Mas sejam quaes forem as vergonhas presentes, os golpes que dos acontecimentos possam ferir-nos—a nós todos, republicanos—seja qual fôr a letargia de alguns espiritos, a audacia de uns e o cinismo de outros, uma unica coisa devem ter em vista os que tomarem assento na magna assembleia de S. Carlos: a elevação, o engrandecimento moral do regimen, que a vertigem de muitos e a ambição de determinados está a comprometer.

Tenham, tenhâmos todos fé! Não! Milhões de vezes, não! Através de tudo não nos deixemos abater.

Desesperar é desertar—disse o grande, o mais sublime pensador da França—Vitor Hugo.

Contemplemos, aguardemos o futuro, que, como outr'ora se repetia: surgirá no horisonte como uma aurora redentora.

Mirêmo-lo tal qual as nossas almas o querem e... mãos á abra, custe o que custar.

Viva a Republica!

Principio de incendio

Na manhã de segunda-feira foram chamados os socorros dos bombeiros para o estabelecimento da Viuva Jeronimo Baptista Coelho & Filhos, á Rua do Cáes, onde se havia manifestado fogo, sem consequencias por ter sido prontamente extinto.

Compareceram com o seu material ambas as corporações, que não chegaram a desmonta-lo.

No "front,,

—=(*)=—

O sr. dr. Afonso Costa, ministro interino da guerra, deu, na segunda-feira, conta ao Parlamento dum telegrama do sr. Norton de Matos concebido nos seguintes termos:

A nossa 1.ª divisão está de posse do seu sector, com inteira responsabilidade pela sua defêsa, desde a noite de 15 para 16.

A 1.ª brigada da mesma divisão tem já a responsabilidade de metade deste sector, desde 30 de maio ultimo.

As nossas tropas teem sofrido violentos *raids*, sendo porém todos repelidos.

O maior *raid* teve logar contra a 1.ª brigada, de 12 para 13 do corrente e durou 6 horas, ficando 350 metros das nossas trincheiras, destruidos pela artilharia inimiga. As nossas perdas até 21 de junho são as seguintes:

Mortos, 1 tenente, um alferes, um 1.º sargento, e 38 cabos e soldados; feridos, 1 capitão, 22 sargentos, 235 cabos e soldados; intoxicados pelos gazes asfixiantes e em via de tratamento, alguns em estado grâve, 1 capitão, 1 alferes e 130 cabos e soldados; desaparecidos, 14 cabos e soldados.

O moral das nossas tropas é excelente. Tive ocasião de colocar publicamente, deante do batalhão formado, as divisas de segundo sargento a um cabo que tinha sido promovido por actos de coragem praticados na noite de 12 para 13, e de louvar publicamente um sargento pelos mesmos motivos.

A opinião dos generais inglezes com quem falei, não póde ser melhor, relativamente aos nossos soldados.

Posteriormente soube-se que além das perdas acima mencionadas ha a acrescentar as do soldado Joaquim Tavares e do primeiro cabo José Dias da Costa, ambos de infanteria 24.

TRANSCRIÇÃO

O nosso colêga *Portugal Moderno*, que vê a luz da publicidade em Buenos-Aires, Republica Argentina, transcreve, num dos seus numeros chegados a Portugal, parte do manifesto do Gremio Republicano do Distrito de Aveiro com cuja doutrina diz concordar, aplaudindo-o tambem pelas verdades que encerra.

Novo jornal

Corre estar o snr. dr. Joaquim Peixinho, recentemente aderido ao evolucionismo, preparando a aparição dum semanario que seja orgão do seu grupo e pugne pelos interesses que lhe andam adstritos. Em bôa hora venha.

AGINDO

Anda desenfreada a gatunagem. As queixas sucedem-se na policia, que já não sabe para que banda se hade voltar.

Ultimamente coube a vez ao proprietario da alfaiataria do alto da Rua José Estevam, sr. João de Deus Marques a quem os amigos do alheio levaram nada menos de quatro fatos e vinte e tantos escudos. Isto quando a *Mão Fatal* se acha a contas com a justiça. Que faria se não estivesse...

Assim mesmo

—=(*)=—

Mayer Garção, continuando na *Manhã* a série de judiciosos artigos sobre a politica republicana, escreve, depois de pôr de parte a regeneração dos partidos pela acção dum chefe, deste ou daquele ambicioso politico que a tal se propozesse:

. . . .

Não! Quem tem de operar essa transformação na fisionomia dos partidos tem de ser a parte verdadeiramente republicana desses partidos E' ela ainda a que nesses partidos fórma maioria; mas, quando o não fôsse, era ela ainda quem neles devia preponderar, e preponderar sempre, porque é ela quem lhes dá caracter, significação, autoridade.

Num partido republicano os donos da casa são os republicanos, poucos ou muitos. Aqueles que se não integrarem absolutamente no espirito republicano dos fundadores desse partido, dos que lhe déram côr, brilho e vida, não passarão nunca de intrusos, sejam embora uma turba-multa perigosa. Não deixam de ser intrusos. Se eles só ficassem num partido conhecido como republicano, no dia seguinte ninguem, nem no país nem no estrangeiro, deixaria de considerar esse partido perdido e deshonrado. O nome da Republica é uma pele de leão com que nem todos pódem cobrir-se.

A obra de regeneração dos partidos republicanos será feita pelos republicanos que nesses partidos existem. Ninguem, como eles, conhece os falsos republicanos que se permitem não só a pretensão de igualar os verdadeiros, mas ainda de os governar, quando não de os perseguir. Os republicanos conhecem-os. Pois se eles se diferenciam por tudo! A sua linguagem não é a linguagem republicana; não são os mesmos os sentimentos, os caracteres, as consciencias, as predilecções, os costumes, os propositos; não é a mesma a voz, não é o mesmo o olhar, não é a mesma a alma. Os republicanos conhecem-os. A uns pelas suas palavras, a outros pelas suas atitudes; a estes pelos seus gestos, áqueles por uma sensibilidado especial que adverte da presença de um inimigo o coração inquieto que vigia por uma causa sagrada como se vela por um ser estremecido

* * *

Pintaram-se de verde e encarnado caciques odiosos que não duvidam declarar que o fizeram para mais uma vez provar aos velhos e bons republicanos, por eles sempre enxovalhados e perseguidos que eles é que hão-de ser sempre os mandões, quer na monarquia, quer na Republica. Então os republicanos não os conhecem, não lhes pódem arrancar a mascara, repelir o seu predominio aviltante? Ha poucos dias um jornal republicano comunicava que o padre Domingos, que matou republicanos, que emigrou, que foi um dos chefes da conspiração realista, está feito chefe dos republicanos de Cabeceiras de Basto. Então os republicanos não conhecem o padre Domingos? Ha criaturas de destaque nos partidos republicanos que não se pejam de declarar que, em politica, não conhecem partidos, conhecem os chefes; e, assim como serviram Hintze Ribeiro e José Luciano, servem agora, os dirigentes dos partidos republicanos em que se introduziram. São *pessoalistas*,—dizem eles. Serão. O que não são é republicanos. Os republicanos conhecem-os, e pódem por acaso consentir que eles os continuem representando, quando as suas ideias são inteiramente opostas, porque não ha verdadeiro republicano que não zele a sua dignidade de cidadão, e essas criaturas não teem dos partidos outra noção que não seja a das clientelas famintas dos tempos da monarquia?

Quem hade fazer a regeneração dos partidos republicanos, quem hade salvar a Republica, porque a Republica corre risco de gangrena, são os velhos republicanos, e aqueles que, vindo dos antigos partidos monarquicos ou da legião dos cidadãos honestos que muito tempo hesitou, mas que nunca foi cumplice da corrupção do antigo regimen, fielmente se adaptaram aos principios republicanos. A obra da regeneração dos partidos republicanos ha-de ser feita pelos homens de caracter. E' um saneamento moral, ainda mais do que uma afirmação civica.

. . . .

Voltêmos a aplaudir esta doutrina por ser a unica que deve perdurar, embora isso pese aos monarquicos e aos falsos republicanos.

Mayer Garção, a *Manhã*, tem interpetrado bem o sentimento dos nossos antigos correligionarios que por toda a parte despertam e se aprestam novamente para a luta.

Em bôa hora, pois, aparece a *Manhã*, facho de luz que nos ha de guiar e em volta do qual se torna necessario que nos juntemos para a vitoria retumbante, completa, no mais curto espaço de tempo.

A Republica corre perigo. Salvemo-la, expurgando-a do lixo que á sua volta se tem aglomerado.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Moura*.

Notas mundanas

Partiu para Melgaço, onde conta demorar-se algumas semanas para tratamento, o esclarecido professor do nosso liceu, sr. dr. Eduardo Silva.

✠ *Estiveram nesta cidade os srs. José Simões Carrêlo, de Cacia; Manuel Ferreira Rebolo, da Palhaça; dr. Roque Ferreira, de Fermentelos; dr. Abilio Marques e familia, da Costa do Valado; dr. Lopes de Oliveira, de Oliveira de Azemeis; Manuel Antonio da Silva, do Carregal; Manuel Francisco Braz, da Povoa e Manuel Dias dos Santos, conceituado ourives em Valença do Minho.*

✠ *Adoeceu em Anadia o nosso conterraneo Pompeu da Naia e Silva, que exerce na comarca as funções de escrivão de direito.*

Apetecemos-lhe breve restabelecimento.

✠ *Passou á Madeira, donde nos mandou agradaveis noticias, o passageiro do Loanda, Julio Diniz, que se destina ao Congo Belga.*

✠ *Continúa bastante doente o sr. Barão de Cadôro.*

✠ *Na Costa do Valado tem estado tambem perigosamente enferma, uma filhinha, de tenra idade, do nosso patricio, snr. João de Deus Marques.*

✠ *Egualmente na Povoa foi acometida de doença grâve uma interessante filha do snr. Joaquim de Barros.*

Ambas as creanças estão sendo desveladamente tratadas pelo conceituado clinico, snr. dr. Abilio Marques.

✠ *No domingo passado, o nosso bom amigo Humberto Beça, reuniu em sua casa, no Porto, toda a familia para intimamente festejar a conclusão dos trabalhos escolares e respectiva promoção de seu cunhado, Alfredo Cesar de Brito.*

Festa encantadora, especialmente pela grande satisfação que traduzia, o joven oficial ouviu de todos os presentes, palavras da mais sincera amizade e do mais ardente desejo pelas suas felicidades fusuras, que bem merece e que oxalá possâmos registar dentro em breve.

Pela nossa parte agradecemos ao velho amigo Beça o brinde com que nos distinguiu e ao jornal de que é brilhante colaborador.

✠ *Faz depois de ámanhã anos, o nosso presado amigo, sr. José Moreira Freire, digno presidente da câmara municipal de Loanda.*

Felicitâmo-lo.

EMBUSCADA

Recolheu á cadeia por desrespeito á autoridade maritima e ter preparado uma embuscada com intuito de agredir o cabo de mar, sr. Jeremias Vicente Ferreira, na sua passagem pela estrada da Costa Nova á Barra, um filho do pescador *Pito Rei*, muito conhecido pelas suas pimponices.

Servir-lhe-á de emenda a lição?

ILUMINAÇÃO PUBLICA

—=(*)=—

Informam-nos de que a Câmara Municipal já deu os primeiros passos para restabelecer a iluminação a gaz de toda a cidade, entrando nesse empreendimento a clausula de, no futuro, naturalmente apoz a terminação da guerra, ser reforçada a luz eletrica.

Não podemos furtar-nos a enaltecer e apreciar semilhante medida, tendo, ao mesmo tempo, em vista que o novo contrato, a realisar-se, seja baseado em condições proveitosas, não só para a Câmara, mas para os interesses de todos os municipes. E' certo que a situação que atravessâmos é demasiadamente anormal. O preço do carvão é excessivo, assim como o dos demais acessorios indispensaveis para se pôr em pratica tal serviço publico. Contudo, com energia e boa vontade tudo se vence, e havendo, sobretudo, de ambas as partes contratantes intuitos razoaveis, não será dificil chegar-se a uma concordancia vantajosa.

Nas actuais circunstancias, embora louvemos, como é de justiça, a proposta da Câmara, assalta-nos a duvida que se leve a efeito tão necessario melhoramento. Oxalá que essa nossa duvida se desfaça com uma resolução decidida. O que aí se vê é que se torna intoleravel. Não é iluminação, é um arremedo de iluminação, que, ainda assim, só é disfrutado por duas ou tres ruas principaes.

Não sabemos se seria de realisação mais pronta e mais economica a iluminação eletrica, aproveitando para isso a energia hidraulica. Não muito longe de nós abundam quédas de agua permanentes, cuja força se conseguiria conduzir até aqui, evitando-se por esse modo o enorme dispendio que acarretaria o consumo de carvão.

A Câmara, se já entrou em entendimentos com alguma empreza, será isso melhor, para chegar a um resultado eficaz, sem os pessimos inconvenientes em que se havia estabelecido o antigo contrato.

Ninguem se encarregará do fornecimento de iluminação para perder, é certo; mas tambem a Câmara, legitima representante dos povos do concelho, saberá do mesmo modo salvaguardar os seus interesses, levando a cabo um melhoramento que marcaria a sua passagem pelas cadeiras da gerencia municipal.

E' á Câmara que cumpre estudar com reflexão o assunto pelo seu lado economico e financeiro, porque quanto ás suas vantagens gerais o publico as reconhece perfeitamente.

Nas principais terras do país se luta neste momento com dificuldades superabundantes relativas á iluminação publica. A propria capital se tem encontrado em apuros extraordinarios; mas de ai, devemos todos cruzar os braços, não procurando resolver o problema de essencial interesse para todos, se houver uma empreza qualquer, honesta e solida, que se proponha solucioná-lo razoavelmente?

O aspecto que as ruas da cidade apresentam, á noite, é funebre. Os mesmos estabelecimentos que dantes se iluminavam a gaz mostram desolação. O petroleo, alêm de ser já caro tambem, é ordinario e a sua força iluminante anda de parelhas com a do azeite. Assim, o dever de quem superintende na administração local é fazer-nos saír deste desconsolador estado de coisas. Todos os municipios, alêm doutros assuntos de não menos importancia, não descuram o da iluminação. Esse estudo tem canceira, exige ponderação? Sem duvida. Mas o que custa é que sabe bem.

Sem deslustre para os demais membros, que compõem a comissão executiva da Câmara Municipal, depositâmos absoluta confiança no seu presidente. E' um individuo. que oculta sob a sua aparencia franzina, uma energia ferrea e um tato firme. Querendo, poderá fazer bastante, contanto que os seus colaboradores não estorvem a sua iniciativa com mesquinheiras ridiculas.

Esperançados nos sãos propositos que o animam, a melhoria do serviço da iluminação publica será, em breve, um facto, que todos louvarão calorosamente.

F.

O S. João

Pouco animado este ano, tendo desaparecido por completo a alegria doutros tempos.

Nem admira, tão pouco propensa vai a época para folias.

TEATRO AVEIRENSE

Não agradaram os tres ultimos espectaculos da *tournée* Carlos Santos. Sobre tudo a tal peça *Coimbra, terra de amores* foi uma perfeita chuchadeira.

Tornem cá...

No dia 2, segunda-feira, teremos a representação de *O Pae* pelo grande actor Ferreira da Silva.

Está dispensada de reclame, mesmo porque para essa unica récita poucos bilhetes restam á venda.

Vêr a 4.ª pagina

Ao Congresso do Partido Republicano Português

O orgão do sr. Barbosa de Magalhães em Aveiro esteio da monarquia---Como eram tratados os republicanos pelos que hoje enfileiram no democratismo

«Afinal, o batalhão expedicionario aos *pinheiraes da Gafanha rentes ao mar*, não chegou a lançar a pedra fundamental da *patria nova* nesta *formosa e livre cidade dos canaes*.

Quem julgou vir assistir áquela terrivel scena de sangue que havia de *destruir a monarquia por um implacavel ataque dos que não são sectarios nas patrioticas vontades apostadas*, enganou-se.

Os homens da *papoila*, *o feio bicho que as mulheres julgam comestivel*, chegaram, apearam-se, sacudiram o pó da estrada, e internaram-se... nas *igrejas*.

Aqui defronte, que reinação! Por aí abaixo, nem uma *capela* sem romeiros, nem uma *ermida* sem devotos!

Ah! que se a Republica tivera para esses a fórma dum tonel, estava conquistada!

* * *

Ao contrario do que se fez correr, a autoridade não proíbiu nem o cortejo funebre pelas ruas da cidade, nem o passeio alegre pela ria. Tão pouco mandou fechar as valvúlas á verborrêa, á eloquencia, á oratoria dos ilustres paladinos da *gloria da purpura batida do oiro fôsco do sol num poente de incendio*.

Recomendou-lhes prudencia, mandou acompanhar o séquito de algumas praças de policia como garantia contra a eventualidade de algum sorriso escarninho dos espectadores, e não ordenou a assistencia da guarda municipal á merenda da Gafanha, porque os habitantes do logar se encarregaram de fazer conter os merendeiros na ordem.

Viéram do Porto trinta guardas sob a direcção dum chefe de esquadra, e vinte soldados da guarda municipal a cavalo sob o comando de um tenente.

Anno 57.º — Aveiro, 27 de novembro de 1908 — Numero 5...

O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

A

El-Rey o Senhor D. Manoel II

A tempestade que açoutou as suas derradeiras horas de infancia, porque a infancia de El-Rey terminou n'aquella hora amarga em que o infortunio lhe fez alvorecer os dias de reinado, calou no animo generoso da nação, que ergueu altares á sua dôr e levantou, nos escudos da sua tradicional magnanimidade, a corôa que hoje aureola a sua fronte pallida e serena.

Uma esperança, uma promessa, uma garantia de paz por amor da Liberdade e da Lei, transparece, na sua doce e melancolica physionomia, aos olhos da população portugueza.

E essa população, carinhosa e boa, sagrou no moço Principe, sobrevivente d'aquella grande catastrophe, o novo Rey.

Fêl-o n'um compassivo impulso de dôr pela desgraça e de amor pela instituição nacional que a Monarchia symbolisa.

De como se não enganou, de como a não illudiu falsa confiança, dil-o-ha o futuro, que começa a desenhar-se n'um largo horisonte azul pelo que El-Rey jurou cumprir com um alto relevo para o prestigio do throno e do seu nome: solidificar no reconhecimento da soberania popular o edificio da Monarchia constitucional.

Aveiro, 27—11—908.

F. de Vilhena

Seis dêles conteriam a onda invasora, se em impertinente provocação derivassem os seus propositos.

Veio tropa de mais. Aquilo é gente pacifica. Se lhe perguntarem o que entende por republica, não o saberá dizer.

Ora, franquêsa franca: então é com elementos desta especie que se pensa em implantar a republica em Portugal?

Coitados dêles, que se limitam a escrever peças como a da *Papoila*, a agitar a bandeirinha vermelha e verde com esfera azul ao centro, e a pregar *cravos de fogo nos afogueados torrões!*

Se não fôra terem deixado viscoso rasto pelas ruas, no dia imediato, quando a população acordou para o trabalho no sábado interrompido, nem já recordaria a sua passagem.

* * *

Um dia bom, aquele. Por isso o meteram em casa...

Foi, de facto, um grande dia, um belo dia, um dia soberbo, iluminado do sol, banhado de luz. A ria, um lago. A paisagem, um encanto.

Apezar disso a *merenda* meteu nuvens.

Era de esperar: a Gafanha recebeu os hospedes victoriando o monarca e a monarquia. E a surpreza levantou o arraial.

Foi assim bem. Os romeiros ergueram-se apressados, levantaram as sóbras dos farneis, e voltaram *sangrando o carmim na côr com que as noivas endeusam um beijo da aurora*.

Não chegaram a *pintalgar de protestos vermelhos o enjoativo lourejar dos trigaes*. Mas *carregaram com um titulo florido na haste do artigo*.

Que mais queriam deles? Que *ensanheriassem a flôr azul dos misticos ermitões e dos hervanarios politicos?* Que *entresachassem a prosa em perfumes espessos?* Que *vertessem lagrimas soporiferas—o opio?*

Fizeram até *borbulhar a inspiração á flôr da pele e suspirar as damas com a ternura a boiar-lhes nos olhos á flôr do rosto*.

Mas, coitados, não fizeram mais nada. E se nem isso lhes deixassem fazer, que aborrecida, que estupida a vida lhes correria!

* * *

Bem andou, pois, a autoridade permitindo-lhes tudo o que de justiça era. Demasias, não. Essas levaram alguns deles a sofrer uns ligeiros momentos de reclusão entre baionetas. **Foi pouco.** Eles queriam mais para terem direito... á corôa do martirio. Tambem esperavam palmas, palmas em flôr.

Ora a cidade é que não correspondeu á espectativa. Não se *apressou para os receber com musicas nem com girandolas de morteiros estoirando no ar*. Deixou-os vir, deixou-os ir... a *sonhar mundos de diamantes e vidas de imortal ventura*, na santa paz do Senhor, por esta vez.

Recebeu-os não diremos com hostilidade, que não está nos seus habitos de generosa cortezia. Mas com a mais completa e mais frisante indiferença, desinteressando-se absolutamente da jornada dessas *centenas de homens e mulheres trazidas no ventre da locomotiva para a romagem de propaganda e confraternisação á velha cidade de José Estevam*.

Um pensamento unico a dominou: guardar as seáras para evitar a destruição... das *papoilas*.»

(Campeão das Provincias,
de quarta-feira 23 de junho de 1909).

Proseguindo---A visita de D. Manuel ao norte

«Vem aí el-rei Chama-o ao norte a festa com que o Porto e Amarante vão comemorar o centenario de uma gloriosa campanha nacional: a *Guerra peninsular*.

Estão já determinados os dias da partida e do regresso, e em ambos eles o augusto chefe do Estado tem paragem em Aveiro.

Não sabemos que recepção se lhe prepara. E' natural que a Câmara Municipal, como legitima representante do concelho, tome a iniciativa e promova o que é do seu dever e decerto do seu desejo.

E' preciso, entretanto, alguma coisa mais: que se faça interessar no brilho da recepção toda a cidade, não vá dizer-se lá fóra que **da semente damninha aí trazida há alguns dias, um grão que fôsse germinou.** (1)

Não ha tal. O mau vento que a trouxe esse mesmo a levou. Levou-a como a trouxera: **incapaz de produzir, infecundavel em terreno como o nosso onde são cada vez mais vivas, onde cada vez mais se avigoram as crenças e a fé monarquica.**

Licenciem-se os operarios, abram-se as portas das repartições, deixe-se a todos livre a passagem para a *gare*, onde tantos correrão a aclamar, a vitoriar el-rei.

Mais do que nunca essa afirmação de principios é necessaria agora.

Que á passagem do monarca se dê livre expansão á alma popular, e findará o pretexto para se dizer de simples aparato oficial a festa **para que todos concorrem sempre com tão grande dedicação.**

(Campeão das Provincias,
de quarta-feira 30 de junho de 1909).

VIVA EL-REI!

Quasi se póde dizer desta segunda visita de el-rei ao norte o que se disse e realmente foi a primeira do seu auspicioso reinado, em novembro ultimo.

CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

VIVA EL-REI!

Acolheu-o, no percurso, o ruido das saudações populares, numa viagem feliz, de verdadeiro triunfo para a monarquia, que o augusto chefe do Estado simbolisa.

O Porto, a cidade heroica, heroica defensora das liberdades patrias, mais uma vez recebeu o soberano com as cativantes homenagens e demonstrações de afecto á corôa portuguêsa, que são dos seus habitos fidalgos e da sua dedicação ao trono, que não perde um ensejo de aproximar-se do povo e de manifestar-lhe, por seu turno, o seu respeito e seu amor por esse mesmo povo, tão bom, tão generoso, tão grande ainda.

Nessa feliz viagem, a que el-rei veio por motivo duma festa patriotica, pois se solenisavam brilhantes episodios da nossa epopeia militar, mais uma vez o soberano teve ocasião de apreciar o enternecido carinho e a respeitosa simpatia das grandes massas populares do norte a sul do país.

Em Aveiro sucedeu o que era de prever. A noticia da passagem de el-rei trouxe aí centenas de pessoas que de todos os pontos do concelho e de muitos do distrito correram a patentear-lhe **a sua calorosa adesão,** a vitoria-lo, a dizer-lhe, por maneira evidente, da sua satisfação, **das suas crenças na monarquia constitucional,** que ele representa. A *gare* encheu-se, apinhou-se de gente, em larga representação de todas as classes sociaes, avultando, entre aquela massa enorme, que se comprimia, o povo da cidade e das aldeias, que precisava fazer naquela eloquente afirmação de principio, **o desmentido soléne que fez dos falsos pregões da demagogía decadente.**

A' passagem de el-rei, nos dois dias em que ela aí teve logar, ninguem faltou. Fizeram-se ouvir os hinos festivos, estoiraram os foguetes e os morteiros, mas a vibração das aclamações populares, o ruido daquela saudação calorosa, sobrexcedeu, sobrelevou tudo isso. El-rei sorria á multidão, satisfeito, e levou daqui, por certo, a mais lisongeira, a mais grata impressão.

Não houve distinções, nem de partidos nem de classes. **Lá estavamos todos: os dissidentes, os progressistas, os regeneradores-liberaes, toda a familia politica de preponderancia na terra, unida no mesmo pensamento, com o mesmo ardor, o mesmo entusiasmo, como se fôra sob a mesma bandeira, afirmando a sua dedicação á causa da monarquia, que é a causa da Patria e da Liberdade.**

Esta segunda visita oficial de el-rei ao norte, marca na sua historia, na historia da nação, algumas paginas mais de **verdadeiro triunfo.**

Por que o sr. D. Manuel II prosiga conquistando novos louros, firmando no amor do povo os alicerces do seu trono, **são os nossos, são os mais sincéros votos de toda esta formosa região da beira-mar.**

Mais uma vez e **em nome do prestigioso grupo politico que nos honrâmos de representar na capital deste distrito, bradâmos a toda a força do nosso entusiasmo e das nossas convicções:**

Viva el-rei!

(Campeão das Provincias,
de quarta-feira 7 de julho de 1909).

(1) Alusão á visita dos republicanos do Porto a Aveiro, realisada anteriormente.

Podiamos ainda demonstrar, provando, que a gente que assim escrevia é a mesma que depois da proclamação do novo regimen só o tem comprometido, pondo em evidencia, com a escandalosa protecção de cima, autenticas indignidades. Mas não o fazemos agora. Por enquanto apenas queremos acentuar que além dessas indignidades, muitas delas já postas ao sol neste jornal, outras ha de que temos conheeimento e que virão na devida oportunidade. Ninguem perde com a demora. E como não sômos daqueles que facilmente transigem com a corrupção, com o sistema politico de emporcalhados adventicios, aqui estâmos a mostrar aos nossos antigos companheiros de ideial a nova especie de *correligionarios* que em Aveiro surgiu, na manhã radiosa de 5 de Outubro, vai para sete anos.

Onde os haverá mais completos?